

Disco Riscado

As notas, comentários e anotações da semana

Compilação: Alexandre Giesbrecht



Evangelho segundo SÃO ANZE

P

ode até ser uma heresia o que estou para falar, mas Dallas Drake tem concorrência.

Não que o messias tenha algo com que se preocupar — ele está acima de tais picuinhas humanas —, mas Anze Kopitar, o ídolo de todos os eslovenos, está buscando uma vaga no panteão dos heróis de TheSlot.com.br. A última in-

vestida nessa direção deu-se no último sábado, quando mais um escrito apócrifo começou a ser redigido. Tais escritos tornar-se-ão o evangelho segundo Santo Anze caso ele de fato consiga descolar uma vaguinha entre os eleitos do hóquei. ¹Faltavam pouco mais de sete minutos para acabar a partida entre Kings e Stars, e o time de Dallas rumava para uma fácil vitória por 4-0, quando Kopitar re-

solveu praticar o milagre da multiplicação dos gols. ²Primeiro ele ajudou com os olhos a empurrar o disco chutado por Dustin Brown para dentro do gol. Até aí, nada de anormal, pois os 4-1 no placar ainda significavam uma fácil vitória para os Stars. ³Não mais que 75 segundos se passaram, e Scott Thornton, iluminado por Kopitar, diminuiu ainda mais a vantagem

Continua na página 8

Jeff Halpern e Trevor Daley, do Dallas, só lamentam o gol da virada, marcado por ninguém menos que Anze Kopitar



Personagens

Uma folga de dois ou três dias virou uma licença por tempo indeterminado para o veterano

Wes Walz, do Minnesota. Walz pediu licença do time no último dia 31, a fim de cuidar de algo que o time definiu como um problema pessoal. Ele não voltou desde então — ao menos até o fechamento desta edição — e na quinta-feira pediu a tal licença por tempo

indeterminado, que o time deu. O jornal *Pioneer Press* tentou, em vão, falar com Walz pelo telefone. O clube divulgou nota em que dizia não ter nenhum detalhe adicional. O sumiço de Walz é um mistério, aparentemente para todo o mundo.

Christopher Bourque, que veste a camisa 56 do Washington, estreou na NHL na terça-feira. Em grande estilo. Tanto é que, quando o técnico Glen Hanlon disse a ele quem seriam seus colegas de linha, o filho de Ray Bourque, ícone dos Bruins, levou alguns segundos para acreditar. “Não dava para acreditar”, conta o atacante de 21 anos, “quando ele disse que eu iria jogar ao lado de Michael Nylander e Ale-

xander Ovechkin. Eu só conseguia pensar: ‘Uau, isso é inacreditável!’ Deixou a noite ainda mais empolgante, e olha que eu esperei por isso por muito tempo.”

A NHL suspendeu o defensor Nick Boynton, dos Coyotes, por um jogo e multou o técnico **Wayne Gretzky** em US\$ 10 mil, depois da penalidade imposta a Boynton por instigação no final da derrota por 5-0 para os Sharks na segunda-feira. A suspensão deu-se devido à regra

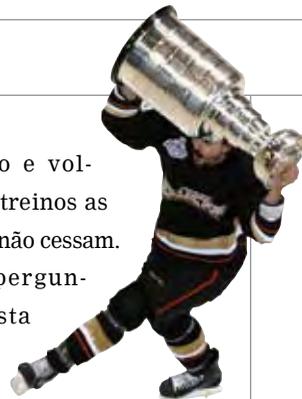
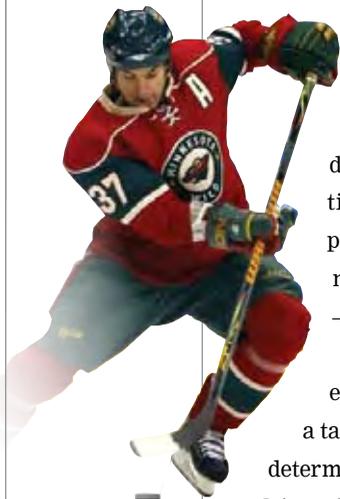
que determina que um jogador considerado instigador nos últimos cinco minutos do tempo normal ou na prorrogação será automaticamente suspenso, enquanto seu técnico receberá a pena que Gretzky sofreu. A multa paga irá para a Fundação NHL.

Eles não falam abertamente, mas o assunto certamente não sai da cabeça dos Ducks, por mais que eles tentem. A grande pergunta que tem perseguido o time desde o título da Copa Stanley é se Scott Niedermayer e **Teemu Selanne** vão voltar ao time ou vão decidir manter-se aposentados. Mesmo com um deles

patinando e voltando aos treinos as perguntas não cessam.

Quando perguntaram nesta semana ao capitão Chris Pronger sobre o fato de Niedermayer estar patinando novamente e sobre a presença de Selanne no jogo de sexta-feira contra o San Jose, o defensor respondeu: “Vamos ter de falar sobre isso de novo?”

O prefeito Karl Dean fez sua última oferta aos possíveis novos donos do Nashville Predators. Na sexta-feira, ele propôs um contrato de aluguel mais camarada para o Sommet Center, pedindo em troca o compromisso de ficar em **Nashville** por cinco anos. De acordo com a proposta, os Preds ainda poderiam deixar a cidade depois da temporada de 2009-10, caso os investidores tenham prejuízo de US\$ 20 milhões nesse período e a média de público pagante despenque para menos de 14 mil pessoas por jogo. É pegar ou largar.





Para o Clássico... **uniformes clássicos!**

A

NHL ainda não soltou um comunicado oficial, mas, pela loja online da liga, já dá para imaginar que no Clássico de Inverno — jogo ao ar livre que Sabres e Penguins disputarão em 1.º de janeiro, em Buffalo — ambos os times usarão uniformes retrô. Quer dizer, só nas cores e no layout, porque o design das camisas será o mesmo das camisas Rbk Edge que estão sendo usadas por todas as equipes nesta temporada. A torcida dos Sabres poderá ver de novo o logo azul e branco com os sabres cruzados, que foi usado entre 1970 e 1996 e já

tinha sido **ressuscitado** no terceiro uniforme que o time vestiu em algumas partidas durante a temporada passada. Já os Penguins deverão usar um uniforme baseado no modelo azul claro que aposentaram 35 anos atrás, com o triângulo do logo no antigo amarelo, em vez do atual dourado. No primeiro Clássico de Inverno, **disputado** por Edmonton e Montreal em 2003, os uniformes em si não chamaram a atenção, mas, sim, seus complementos, como o gorro de lã usado pelo goleiro José Théodore, então nos Canadiens. Naquela ocasião, o gorro foi parar no Hall da Fama.



Maxime Talbot (com a caixa de pizza na foto à esquerda) fazendo a festa dos estudantes (acima) na fila para comprar ingresso na Mellon Arena

Nos Estados Unidos, não há meia-entrada para estudantes em jogos de hóquei, mas os Penguins bolaram uma boa jogada de marketing que é razoavelmente semelhante. Sempre que o estádio não lota, os estudantes têm uma fila especial para comprar o melhor ingresso disponível por US\$ 20, em ordem de chegada. Eles ficam a par da promoção por meio do site do time ou de mensagens de texto no celular e podem ter uma idéia se a disponibilidade de ingressos para estudantes será grande ou não. Nos jogos mais concorridos — quase todos desde que os Penguins voltaram

a disputar vaga nos playoffs, na temporada passada —, a fila fica compreensivelmente comprida. No ano passado, alguém teve uma idéia que foi repetida na quarta-feira passada, no jogo contra os Flyers: jogadores do time apareceram no lugar onde fica a fila e distribuíram pizzas. A idéia surgiu por acaso. Como não há infra-estrutura, como banheiros e lanchonetes, à disposição de quem fica na fila por horas, os estudantes usam seus celulares para mandar entregar pizzas no Mario Lemieux Place (o nome da rua onde fica a Mellon Arena). As pilhas de caixas de pizza que ficavam por lá chamaram a atenção da diretoria, que ainda

se lembrou de que, quanto menor for a média de idade do público presente ao estádio, mais barulhento ele fica. Na semana passada, a tarefa de entregar as pizzas coube a Maxime Talbot, Georges Laraque e Adam Hall (no site oficial do clube há [mais fotos](#)), que chegaram cerca de três horas antes de a partida começar. Com as filas ainda mais compridas — e desorganizadas — que temos nos estádios de futebol brasileiros, talvez não seja uma boa idéia tentar repetir a experiência por aqui, mas as milhares de pessoas que no sábado penaram para comprar ingressos para Brasil x Uruguai, em São Paulo, teriam agradecido a atenção.



Nenhum **AMERICANO** tem mais pontos que **MIKE MODANO**

Por **Allan Muir**

F

ique de olho em Mike Modano nas próximas semanas. Agora que ele finalmente tirou

das costas o peso que era bater o recorde de pontos por jogadores nascidos nos Estados Unidos, com os dois gols que marcou contra o San Jose na quarta-feira, o atacante provavelmente ficará mais tranqüilo e mais produtivo. A frustração pela longa caçada a Phil Housley estava evidente em praticamente todas as jogadas que ele fez no último mês. O veterano central passava quase tanto tempo pedindo explicações aos céus depois de um lance perdido que dando seqüência à jogada. Falando na marca, o recorde norte-americano, de 1.233 pontos, é o sexto na lista por país, atrás de Canadá (Wayne Gretzky, 2.857), República Tcheca (Jaromir Jagr, 1.543), Finlândia (Jari Kurri, 1.398), Suécia (Mats Sundin, 1.264) e Eslováquia (Peter Stastny, 1.239). Por outro lado, está bem à frente da Rússia (Sergei Fedorov, 1.113), da Irlanda (Owen Nolan, 778), do Brasil (Robyn Regehr, 104) e da Indonésia (Richie Regehr, 4).



Modano comemora a marca igualada. E ele não parou por aí.

Avery ainda vai se **machucar**, e **muita gente** não vai ficar **triste** por isso.



Wade Belak, do Toronto, prevê que é apenas questão de tempo até Sean Avery, dos Rangers (abaixo), sofrer as conseqüências pela confusão que arrumou antes do jogo de sábado entre os dois times. “Ele provoca todo mundo”, acusa Belak. “Ele ainda vai se machucar, e muita gente na liga não vai ficar triste por isso. Se ele continuar assim, alguém vai matá-lo.” Belak foi rápido ao negar que estivesse dizendo que seria ele mesmo o agressor. E a polêmica da confusão não parou por aí. O jornal *New York Post* Avery deverá processar por calúnia um radialista de Toronto que disse na segunda-feira que a confusão começou porque Avery se referido ao cânone Jason Blake, dos Leafs, está combatendo. O radialista citou como fonte um jogador não-identificado dos Rangers, mas Avery negou a acusação.





Foto da semana

Por **Bruce Bennett**/Getty Images

Toronto

10 de novembro de 2007

Jason Blake pode ter sido o pivô da confusão que ocorreu antes de a partida de seus Maple Leafs contra os Rangers começar. Ao menos é o que sustenta um radialista de Toronto (*ver na página anterior*). Não faço idéia se Blair Betts sabia disso ou não

quando viu o adversário à sua frente de costas. Fosse Betts dos Flyers, e Blake possivelmente teria ganho um molde dentário esculpido nas bordas do Air Canada Centre. Mas não era, e a jogada prosseguiu sem maiores problemas, a não ser o banho de gelo na perna. A única coisa que não deve ter sido muito agradável é ser o centro das atenções de todos os jogadores no gelo naquele instante — mais alguns milhares de torcedores —, justamente quando Blake como Napoleão perdeu a guerra.



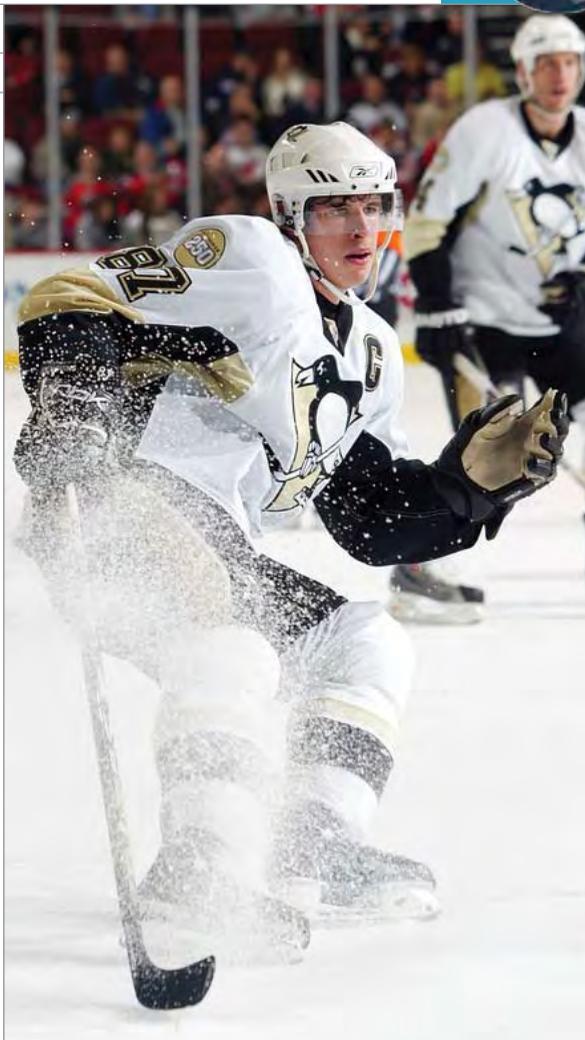
Por **Michael Farber**

Levem em consideração o menino de ouro do patincho feio entre as quatro grandes ligas norte-americanas: Sidney Crosby, da National Hockey League. Talvez essa caracterização seja injusta para ambos.

Apesar de Crosby ainda ser estranhamente chamado de “*Sid the Kid*” — fez 20 anos em agosto —, ele é um homem bem preparado para lidar legalmente com qualquer coisa, menos uma carta de vinhos, já que nos Estados Unidos só se pode beber álcool depois dos 21 anos. E o faturamento da NHL (uma liga que era considerada a NASCAR do Norte e hoje sonha em ser a NASCAR) está a US\$ 1 bilhão da receita da liga de bola ao cesto, o que não é tão ruim, se levarmos em conta que a principal emissora a cabo que transmite hóquei para os Estados Unidos (Versus) é tão fácil de se achar como o [Juiz Crater](#).

De qualquer jeito, tanto o futuro de Crosby como o da NHL estão inevitavelmente ligados. Se a liga vai conseguir brigar para voltar aos seus dias de “*NHL Is Hot/NBA Is Not*” (“NHL está quente/NBA não”, em inglês), tem de ser nos ombros da estrela dos Penguins. E Crosby está cumprindo seu papel nesse quesito.

Deixe-me aborrecê-lo com algumas estatísticas. Ao compilar 120 pontos na temporada passada, o



Meu Esportista do Ano: **SIDNEY CROSBY**

Todo ano, a revista *Sports Illustrated*

elege o Esportista do Ano.

O jornalista Michael Farber [escreve](#)

por que votará naquele que é

o futuro e o presente da NHL.

O resultado sai em 3 de dezembro.

maior total da NHL, Crosby tornou-se o artilheiro mais jovem da história da liga (19 anos, 244 dias). Ele tornou-se o mais jovem vencedor do Troféu Hart (MVP) desde Wayne Gretzky, em 1980. Ele foi o sétimo jogador a ganhar os Troféus Hart, Art Ross (artilharia) e Lester B. Pearson (MVP votado pelos jogadores) na mesma temporada. Os Penguins ainda fizeram dele o capitão mais jovem da história da liga. Crosby levou o time nas costas até os playoffs, jogando pelo menos seis semanas com um pé quebrado.

É claro que ele não é Wayne Gretzky, mas ele está numa trajetória similar. Não na artilharia, obviamente. Crosby não vai marcar mais de 200 pontos quando a temporada regular se acabar, em abril próximo. Mas com sua disposição para ser o rosto de seu esporte, com sua incansável humildade ao falar, com sua inabalável classe — ele até diminuiu suas reclamações no gelo —, Crosby está trilhando o mesmo caminho que Gretzky desbravou um quarto de século atrás. É por aí que se vê um Esportista do Ano.

OK, é provável que Crosby não ganhe o prêmio neste ano. (Só para citar um motivo, isso significaria ter na capa da revista um jogador de hóquei que não seja um dos Irmãos Hanson — depois de cinco anos, quais são as chances?) Mas agora é a hora de lançar seu nome. Como seus rápidos chutes de pulso, pense nesta estratégia como um ataque preventivo.



Continuação da página 1

dos texanos.⁴ Mais um minuto e meio, e o gol de Alexander Frolov (comandado mentalmente por Kopitar) colocou pressão no Dallas. “A coisa está ficando feia”, deve ter pensado Mike Mondano. Sim, “Mondano”, de acordo com a ficha técnica publica à página 17C do jornal *Fort Worth Star-Telegram*, da região metropolitana de Dallas.⁵ A coisa estava mesmo ficando preta. E iria ficar mais. Não querendo se limitar ao esforço mental e desejando ver sangue em suas mãos, o próprio Kopitar fez o sacrifício em sua homenagem, empatando o jogo pouco mais de três minutos depois do

primeiro gol. Muitos presentes ao local tiveram a impressão de que ele conseguiu fazer o goleiro sumir por alguns décimos de segundo, o que não chega a ser desmentido **pelas câmeras**.⁶ Dever cumprido? Não. O candidato a santo — e, acredite, hoje em Los Angeles já deve haver algumas centenas de altares em sua homenagem — ainda encontrou tempo antes do fim do jogo para abrir os olhos do árbitro de vídeo, que acertadamente validou o gol da virada, enquanto a histórica torcida que lotou o Staples Center cantava “Gol, gol, gol”. O gol foi creditado a Ladislav Nagy, também conhecido justamente em

no, Dal (hooking), 10:57.
Third period—5, Los Angeles, Brown 7 (Visnovsky), 12:46 (pp). 6, Los Angeles, Thornton 2 (Handzus, Zeiler), 14:01 (pp). 7, Los Angeles, Frolov 4 (Armstrong, Johnson), 15:35. 8, Los Angeles, Kopitar 6 (Brown, Visnovsky), 15:59. 9, Los Angeles, Nagy 4 (Stuart, Frolov), 17:53 (pp). 10, Dallas, Angeles, 10:58; Lehtinen, Dal (interference), 16:40; Handzus, LA (boarding), 18:13.
Overtime—11, Los Angeles, Kopitar 7 (Frolov, Modry), 2:34. **Penalties**—None.

Dallas como “Natimorto”, por sua passagem breve, mas custosa pelo estado da estrela solitária. (Parêntese: por falar em “estrela solitária”, essa derrota dos Stars não lembrou muito a derrota do Botafogo, outro time de estrela solitária, um mês e meio atrás?)⁷ Mesmo depois de tanto heroísmo, ficou provado que Kopitar ainda não atingiu a perfeição, especialmente em matemática. Tal como especificado no Velho Testamento, ele deveria descansar após o sexto gol, não após o quinto. Tal displicência custou caro aos Kings. “Mondano”, de acordo com o *Star-Telegram*, empatou a partida mais uma vez, com um gol a 1:05 do que seria o final da batalha.⁸ Kopitar aprendeu com o seu erro e decretou que encerraria a batalha exatamente na metade do tempo extra. Como já tinha ficado provado antes, matemática não é o forte do candidato a beato, e foi necessária uma margem de erro de quatro segundos: o gol que encerrou definitivamente o jogo foi marcado aos 2:34 da prorrogação.⁹ Para marcá-lo Kopitar chutou de *backhand* a quatro metros e meio de distância do goleiro Marty Turco, que, até conhecer a ira do esloveno, tinha parado todos os 27 chutes do Los Angeles e depois só pararia um dos sete que foram em sua direção. Como só

Fosse um jornal de Los Angeles, e o erro seria perdoável. Mas o Fort Worth Star-Telegram é o segundo maior jornal da área metropolitana de Dallas.

Alexander Frolov comemora o gol marcado por Anze Kopitar que deu a vitória aos Kings na prorrogação.





A semana de Dallas Drake

isso não bastaria, o chute ainda passou por entre as pernas do goleiro, a vítima do sacrifício supracitado. ¹⁰É claro que o milagre operado por Anze está ainda aquém daquele que o mesmo Los Angeles **conseguiu** 25 anos atrás: só pelo fato de aquele ter sido nos playoffs já configuraria uma façanha digna de se abrir o Mar Vermelho, mas ainda foi contra o todo-poderoso Edmonton Oilers de Wayne Gretzky. Mas o que se viu no último sábado não foi milagrezinho de igreja evangélica de fundo de quintal, não. ¹¹Para começar, os Stars tinham vencido seus 34 jogos anteriores em que tiveram uma vantagem de ao menos dois gols em algum ponto da partida. Era a segunda maior seqüência atual nesse quesito. Os cinco gols em 5:07 também foram os mais rápidos da história dos Kings. ¹²Para coroar o feito, a surpreendente virada ainda teve o poder de ser a gota d'água para uma rara demissão de gerente geral durante a temporada: na terça-feira, os Stars demitiram o GG Doug Armstrong, que foi substituído pela dupla Brett Hull e Les Jackson. Ou seja, Kopitar não se contentaria em causar a demissão do técnico adversário. Isso qualquer um faz. Ele quis mesmo é degolar o GG adversário, feito para poucos.

Alexandre Giesbrecht, 31 anos, está à procura de um dos dois primeiros CDs do Love Battery.

Por **Eduardo Costa**

Após ser fundamental na varrida dos Red Wings no Oeste canadense, Dallas Drake voltou para Michigan e continuou sua marcha rumo à conquista do universo. Pena que Mike Babcock resolveu poupar nosso ídolo, impedindo milhões de fãs de vê-lo em ação contra o Nashville Predators. Resultado? Os Wings, que vinham de vitórias calmas e superlativas, só derrubaram o time do Tennessee nos pênaltis. Ciente de seu pecado, Babcock escalou Drake no time que enfrentaria o embalado Columbus na sexta-feira, para desgraça do goleiro adversário, Pascal Leclaire, que vinha de quatro vitórias consecutivas. Tendo Tomas Kopecky e Drake ao seu lado na quarta linha, Jiri Hudler transbordou confiança e produtividade. Iluminado pela presença do mito, Hudler foi eleito o melhor atleta na goleada por 4-1. Dias depois, os Wings desaceleraram e foram derrotados novamente pelo Chicago. Drake não foi tão bem e, quando isso acontece... Agora uma notícia extraordinária:

ria: a mitológica banda de rock Led Zeppelin cancelou o show que faria em Londres no próximo dia 26. Aí o nobre leitor pergunta: “O que o gênio Drake tem a ver com isso?” Simples. Dallas James consultou sua agenda e viu que os Wings enfrentarão os Flames no dia 27, um dia após a data original do histórico concerto. Drake ligou para Robert Plant e disse que não poderia ir ao retorno da banda. Ao escutar isso, um frustrado Jimmy Page socou a mesa e luxou um dedo, o que o impede de tocar guitarra. Drake, sábio e oportunista, sugeriu uma nova data para o show: 10 de dezembro. Nessa data, os Wings entrarão no gelo contra os Predators, mas Drake tem tudo esquematizado: ele marcará um hat trick natural, garantido a vitória de seu time, depois nocauteará Darcy Hordichuk e Jordin Tootoo apenas com o poder da mente. E isso apenas no período inicial do jogo, já que terá que pegar um jato da força aérea para poder estar em Londres alguns segundos depois. Alguém duvida que o intrépido Drake conseguirá?



Drake não estava em seu melhor dia contra os Hawks. O Chicago comemorou.